

INDIGENATO ENQUANTO UMA QUESTÃO FILOSÓFICA

INDIGENOUS-INNATE AS A PHILOSOPHICAL QUESTION

Rychard Klysman de Arruda Cintra¹

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v3i2.132>

RESUMO: Tem-se em vista reunir categorias que possibilitem interpretar a filosofia da diferença desde um ponto de vista afro-indígena utilizando-se das análises levinasianas sobre habitação, trabalho e corporeidade e de pensadores brasileiros que recepcionaram algumas questões levantadas pela filosofia convencional como Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Eduardo Viveiro de Castro e Darcy Ribeiro. Levinas tornou-se bastante conhecido por desenvolver uma filosofia que tem como ponto de partida as relações interpessoais elaborando um conjunto de conceitos que giram em torno da ideia de alteridade. Apesar da sua forte relação com a ética, o que nos interessa no seu trabalho é a relação entre as categorias de rosto, expressão e sensibilidade. Além do caráter social destas relações, levinas defende que há a manutenção de um sistema ou estrutura de pensamento que se realiza na medida em que discrimina a diferença ou a pluralidade em nome do caráter universal da razão, mas na contramão, segundo parece, de algumas antíteses ao pensamento ocidental que se sustentaram a partir de uma mera oposição ao pensamento cognitivo. Em “Totalidade e Infinito” Levinas elabora, a partir dos seus estudos fenomenológicos, um conjunto de relações que foi denominado “modos de identificação”, a partir dele categorias como habitação, territorialidade e trabalho serão pensadas.

PALAVRAS-CHAVE: Rosto. Desejo. Alteridade. Corporeidade. Indigenato.

ABSTRACT: This study aims to gather categories that allow for the interpretation of the philosophy of difference from an Afro-Indigenous perspective, using Levinas's analyses of housing, work, and corporeality, as well as those of Brazilian thinkers who have addressed some issues raised by conventional philosophy, such as Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Eduardo Viveiro de Castro, and Darcy Ribeiro. Levinas became well-known for developing a philosophy that takes interpersonal relationships as its starting point,



1 Artista, Pesquisador e Mestre em Filosofia pela UFPE.

elaborating a set of concepts that revolve around the idea of alterity. Despite its strong connection to ethics, what interests us in his work is the relationship between the categories of face, expression, and sensibility. Beyond the social character of these relationships, Levinas argues that there is a maintenance of a system or structure of thought that is realized insofar as it discriminates against difference or plurality in the name of the universal character of reason, but seemingly contrary to some antitheses to Western thought that have been sustained from a mere opposition to cognitive thought. In “Totality and Infinity,” Levinas elaborates, based on his phenomenological studies, a set of relationships that he termed “modes of identification,” from which categories such as dwelling, territoriality, and work will be considered.

KEYWORDS: Face. Desire. Otherness. Corporeality. Indigenous identity.

Indigenato enquanto uma questão filosófica: diálogo possível entre Levinas, Margutti e Krenak

Levando em consideração análises fenomenológicas que visam a irredutibilidade da pessoa à identidade, pode a noção de tempo diacrônico contribuir para o desenvolvimento de uma estética afro-indígena? Em que medida podemos construir, a partir dessas questões, reflexões filosóficas sobre o desejo e o tempo com foco na categoria do indigenato? São as questões gerais que perseguimos levando em consideração um conjunto de hipóteses descritas adiante.

Neste ano o país realizou o maior circuito de debates sobre meio ambiente, clima, defesa dos povos e manutenção da vida no planeta ao sediar a COP 30, o evento reuniu lideranças globais e representantes da sociedade civil. Neste momento, o Brasil tem se empenhado em vencer a forte crise climática que precariza as relações de trabalho, destrói o patrimônio natural, faz adoecer populações e é provocado sobretudo por atividades ligadas à exploração desenfreada dos recursos do planeta. Assegurar um lugar para a reflexão filosófica desde o ponto de vista indígena é uma das tarefas dessa missão, para tanto será necessário pensar a recepção do pensamento filosófico em alguns desses povos e de que forma as tradições passadas de geração em geração podem superar “visões de mundo” e garantir a atividade contemplativa indígena.

“Atividade contemplativa” era geralmente a expressão que filósofos gregos como Platão e Aristóteles usavam para designar o tempo usado para filosofar. Da Grécia antiga aos tempos atuais as definições sobre a prática de contemplação de ideias se alargaram e terá sido a fenomenologia, como

uma corrente singular, uma das grandes responsáveis pela expansão do que significa “fazer filosofia”.

Nossa proposta é pensar como a sabedoria produzida pelos movimentos pelo direito à terra e retomada cultural de povos indígenas do Brasil, apesar do forte movimento de perseguição e criminalização, pode ser filosoficamente pensada à luz da ética da alteridade e de uma interpretação estética da ideia de *Rosto*.

Emmanuel Levinas é um dos mais notáveis pensadores do círculo fenomenológico-hermenêutico da filosofia do século XX. Seu pensamento desenvolveu-se através de um constante diálogo com Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre e muitos outros intelectuais influentes da corrente. A fenomenologia, apesar de ser um ramo da filosofia peculiar por não se definir precisamente como uma escola, ganhou vigor no século XX quando a França recebia as primeiras traduções de *Ser e Tempo* de Heidegger, trabalho decisivo para disseminação das obras do grande mestre da fenomenologia Edmund Husserl. Levinas terá contribuído de maneira significativa com esse processo, pois além de participar de diversas traduções dos textos alemães, era, até então, um dos poucos pensadores que trabalhavam de forma acadêmica a possibilidade da fenomenologia como um método de análise filosófica. Obras como *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl* (1930), *De l'existence à l'existant* (1947) e *En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger* (1949) demonstram não somente o interesse de Levinas pela fenomenologia, mas sua participação efetiva na influência exercida pela corrente no século passado. Na verdade, é a partir das contribuições de Husserl e Heidegger que Levinas encontra um terreno fértil para desenvolver intuições filosóficas despertadas já nos primeiros contatos com os livros e a erudição. Em Husserl, a partir da ideia de uma consciência despertando para sua essência fora dela ou da subjetividade constituindo-se enquanto intersubjetividade, a vivência fenomenológica de algo distinto dessa vivência contribuiu para a ideia de uma alteridade absoluta que, por sua vez, pôde ser pensada através das noções de cuidado e acolhimento em *Totalité et Infini*. Em Heidegger, a distinção ontológica e o existencial *ser no mundo* contribuiu fortemente para a ideia da alteridade do Eu e, mais ainda, para o conceito de interesse apresentado em *Autrement qu'être*. Assim, a filosofia levinasiana, a partir e para além da fenomenologia, nos serve como base de compreensão de diversas categorias da filosofia tradicional e contemporânea.

Em respeito ao pensamento indígena há, ao menos, três tipos de literatura no campo dos estudos dos povos indígenas, originários e de comunidades tradicionais no Brasil, quais sejam, a) aqueles que reproduzem mitos, lendas e tradições literárias orais através da escrita, b) aqueles que refletem, explicam e documentam os conflitos territoriais e os processos jurídicos envolvendo povos e comunidades e, por fim, c) aqueles que se concentram na análise etnográfica, antropológica e filosófica, elaborando reflexões acerca da constituição mesma do sujeito indígena. Os dois primeiros são encontrados em grande número, já o terceiro grupo ainda é um campo com poucas referências, principalmente quando pensamos em filosofia. Até que ponto seria possível, diante de um cenário como esse, pensar uma filosofia indígena já que até mesmo a ideia de uma “filosofia brasileira” ainda vem sendo discutida? (MARGUTTI, 2013, p. 12). Apesar dos três modos de pesquisa estarem profundamente relacionados, optamos por nos concentrar no terceiro campo em que, precisamente, as categorias de uma estética filosófica encontram lugar de desenvolvimento.

A vigília e o sonho

Segundo Kopenawa (2015, p. 465), há, na cultura Yanomami uma relação entre o conhecimento e o sonho. É precisamente a construção dessa ideia, uma certa compreensão da voz do “espírito da floresta”, os *Xapiri*, que deve nos fornecer a base teórica para pensar não só o caso Xukuru do Ororubá, mas diversos povos que passaram por processos de diáspora e/ou retomada territorial e cultural. Segundo o pensador, o método desenvolvido para o conhecimento, através da *yákoana*, consiste em expandir a noção do tempo sincrônico da vigília para uma experiência diacrônica, uma relação tal com a memória e a ancestralidade que parte da vida do sonho. Assim, para os Yanomami, quanto mais somos capazes de vivenciar sonhos complexos e profundos, mais temos condição de conhecer, a medida do conhecimento, portanto, parte de uma desmedida. Mas não seria o caso de “bater com a cabeça contra a parede”. A experiência do sonho, a vida na floresta, seus desafios e figuras simbólicas gestam uma relação de cuidado com o meio ambiente que deve contribuir para ideias importantes de desenvolvimento sustentável, mas também para a construção de múltiplas ontologias, cosmogonias e visões sobre a natureza humana, além de nos lembrar das discussões cartesianas sobre a vigília e o sono.

Em relação a noção de indigenato, enquanto uma categoria, nos é cara a definição de Viveiro de Castro segundo a qual:

Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beirário ou uma favela nas periferias metropolitanas. É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar um povo. Ser cidadão, ao contrário, é ser parte de uma população controlada (ao mesmo tempo “defendida” e atacada) por um Estado. O indígena olha para baixo, para a Terra a que é imanente; ele tira sua força do chão. O cidadão olha para cima, para o Espírito encarnado sob a forma de um Estado transcendente; ele recebe seus direitos do alto (CASTRO, 2017, p. 188)

Segundo Levinas (1982), pensar de que forma nos encontramos com um *Outro* equivale a perguntar qual o seu *rosto*, isto é, a partir de que acesso ou abertura é possível sua expressão. Mas isso, segundo parece, não deve indicar meramente uma oposição à cognição. A impossibilidade do contato com Outrem se manter no âmbito da experiência sensível enquanto objeto dominável, ou apreensível, é dada na medida em que sua expressão é justamente a negação de se reduzir a definições simplesmente dadas. Assim, Levinas parece sustentar uma superação da noção da identidade, em todos os termos da sua extensão, através da categoria do desejo. Com isso, constrói uma fenomenologia que se afasta tanto da ontologia heideggeriana, quanto da filosofia transcendental de Husserl, apesar de confessadamente utilizar-se de ambas para a produção das suas categorias.

Segundo o pensador, o contato com o outro tem sido secularmente furtado por uma tendência, que teria origem no pensamento parmenidiano, de desvio para o *Neutro*. Um “lugar” em que a passividade dos afetos não encontraria expressividade. E, em conformidade com essas premissas, defenderá que o pensamento ocidental teria privilegiado uma cultura que reduz o desejo à identidade ao buscar de forma apaixonada o conhecimento e a verdade.

Hipóteses e considerações finais

Nos escritos de Levinas a identidade fora pensada a partir de duas inversões ou *reviramentos* (LEVINAS, 1971 p. 26): do outro como *mundo* e do outro como *Eu*. Tendo a identidade como seu conteúdo, o ser do Eu consistiria nesse alterar-se. Significando, assim, a identidade como as diversas maneiras com que o Ego volta a si, de um lado, frente à (ou a despeito da...) resistência daquilo que se apresenta no mundo, independente

do modo de apresentação, e, por outro lado, no reconhecimento do Mesmo na distância entre aquilo que de fato é e aquilo, seja qual for a razão por trás disso, que deva ser. O sentido do ser é o *interesse*. O Eu seria, assim, a distância de *si a si*, quando se estranha não se altera, se identifica, assim, “o eu é idêntico até nas suas alterações.” (LEVINAS, 1971 p. 25). A lógica dos modos de identificação é indispensável, segundo parece, para compreender como Levinas defende uma espécie de superação da noção de identidade ou da representação pelo desejo, quando o outro é Outrem.

Através dessa superação é possível pensar um ser que se manifesta assistindo a própria manifestação, sendo isso apenas possível a partir de um corpo. Buscamos, resumidamente, pensar profundamente as seguintes hipóteses:

- a. Passar da diferença à ancestralidade a partir de uma interpretação estética do rosto e da ideia de expressão deve significar pensar noções como habitação, territorialidade e trabalho à luz das tradições das comunidades e povos tradicionais desde sua resistência às noções de *identidade* e *representação*;
- b. A temporalidade diacrônica está próxima da ideia de ‘futuro ancestral’ difundida, sobretudo, pelo pensador brasileiro Ailton Krenak, mas também pelas tradições Jeje-nagô, Keto, Xambá, Quilombolas, juremeiras, de aldeias e povos remanescentes e as possibilidades dos centros urbanos (KRENAK, 2022, p. 68);
- c. O desejo e o tempo são categorias disseminadas em cultos, ritos e na construção de elementos estéticos da cultura brasileira de matriz africana e indígena. As categorias de rosto, expressão e fruição podem servir de propedêutica se aliadas a uma ideia de corporeidade baseada na vulnerabilidade e no cuidado.

Esses elementos, que parecem bastante objetivos e simplesmente dados, na verdade fazem referência à uma cultura bastante complexa, com tradições milenares, cujo objetivo comum sugere modos de sobrevivência ou resistências a noções de Estado autoritárias. Outras noções da filosofia levinasiana podem contribuir para uma *filosofia originária* como posse, trabalho, habitação e fruição. Nosso intento aqui, porém, é concentrarmos a análise na noção do *nascimento*. Assim, de que modo a vida indígena irrompe e como podemos pensar o indigenato como uma categoria são as primeiras inflexões que podemos fazer ao relacionarmos a noção de alteridade (ou categoria) ao indigenato. O que proponho, na verdade, é uma passagem.

Referências

Obras de Levinas e sobre povos indígenas, originários e/ou de comunidades tradicionais:

LEVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infini: essai sur l'extériorité**. Paris: Matins Nijhoff, 1971.

LEVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. Paris: Matins Nijhoff, 1974.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Trad. João Gama; Lisboa: Edições 70, 1982.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Trad. Pergentino Stefano Pivatto, Ivaldo Antônio Kuiava, José Nedel, Luiz Pedro Wagner e Marcelo Luiz Pelizolli; Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. **A inconstância da alma selvagem - antropologia. - e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

CASTRO, Eduardo Viveiro de. **Os Involuntários da Pátria**. ARACÊ – Direitos Humanos em Revista | Ano 4 | Número 5 | Fevereiro 2017, disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4865765/mod_resource/content/1/140-257-1-SM.pdf

KOPENAWA, Davi. e BRUCE, Albert. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. companhia das letras, 1º ed. São Paulo, 2019

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Companhia das letras 1º ed. São Paulo, 2022.

MARGUTTI, Paulo. **História da filosofia do Brasil**. Edições Loyola, São Paulo, 2013

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a civilização**. Circuito do livro, São Paulo, 1985

Demais referências:

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Leonel Vallandro. Editora Globo, Porto Alegre, 1969

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Schuback. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2006

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA-VAZ, Henrique. **Escritos de Filosofia IV: introdução à Ética filosófica**. Edições Loyola, São Paulo, 1999

PLATÃO. **A República**. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2ª edição, 2016

PEPERZAK, Adriaan. *To the other: an introduction to the Philosophy of Emmanuel Levinas*. Chicago; Purdue University Press Books; 1993

POLESCHUK, Irina. **Heidegger and Levinas: Metaphysics, Ontology and the Horizon of the Other**. IN: *The Indo-Pacific Journal of Phenomenology*; V. 10 p. 23; 2010.

SOUZA, J. T. B. **A alternativa levinasiana à intencionalidade de Husserl**. IN: *Normas, Máximas e ação*. (ORG) Danilo Vaz-curado e Karl Heinz. Porto Alegre; Editora fi, 2015.